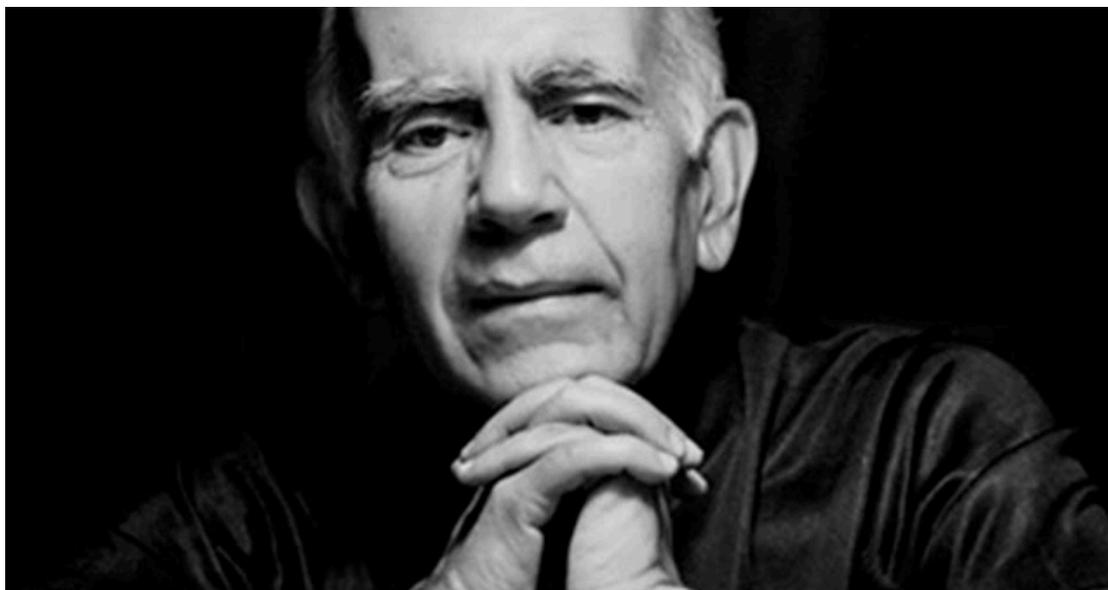


Um certo jornalista Erico (Documento ARI 80 anos)

Todos conhecem o escritor, mas poucos lembram do jornalista. Assim como a trajetória de "Um certo Capitão Rodrigo", a passagem de Erico Verissimo pelo jornalismo é memorável.



Erico Verissimo, um dos maiores romancistas da literatura brasileira, teve sua carreira como jornalista abafada pelo próprio sucesso literário. A história parece pouco se recordar do Erico que foi presidente-fundador da Associação Rio-grandense de Imprensa, a ARI que neste ano de 2015 completa 80 anos de existência. João Batista de Melo Filho, atual presidente da ARI, conta que “para falar de Erico Verissimo, não podemos dissociar o escritor do jornalista e, acima de tudo, do homem de sensibilidade”. Para ele, Erico sempre foi um ser comprometido na luta pela busca da igualdade. Os artigos que Erico costumava escrever, segundo Batista Filho, tinham muito conteúdo humano e advertência sobre a “imprevidência das pessoas por ele retratadas e/ou criadas”.

Para o presidente da ARI, a profissão de jornalista que, inicialmente era apenas um modo de subsistência para Erico, lhe serviu como aprimoramento intelectual, de verniz cultural “um verniz que depois se consolidou, um homem que passou a entender o seu povo”, destaca. Ele salienta ainda que, primeiro como jornalista e depois como escritor, Erico soube identificar “as origens e as características diversificadas do povo do

Rio Grande do Sul”. Mas o caro leitor deve estar se perguntando, se o jornalista não foi lembrado é porque o escritor foi muito maior. Verdade.

Mas é verdade também que a forma como Erico escrevia seus romances, o modo como ele escolhia o tema de suas narrativas, foram extremamente influenciados pela sua estrada no jornalismo. Se você é um apaixonado pelo Erico escritor, deve conhecer também o Erico jornalista. Boa parte dos grandes escritores brasileiros passaram por uma redação. Machado de Assis e Graciliano Ramos são exemplos. Jornalismo e Literatura, tanto na história quanto na vida de Érico, sempre estiveram em Caminhos Cruzados.

O primeiro contato com o jornalismo veio na sua cidade natal, Cruz Alta, localizada no interior do Rio Grande do Sul. O pai de Erico, Sebastião Verissimo, foi fundador do jornal humorístico *O Calhorda*, que publicava sátiras das autoridades da época. Além disso, Sebastião era formado em Farmácia, uma profissão na qual Erico também se aventuraria mais tarde.

O processo criativo do jornalista-escritor sempre esteve associado a modos curiosos de apuração e de criação. Luiza Carravetta, professora da Unisinos, destaca que “Erico tinha um jeito peculiar de percepção das coisas, através de sons e cheiros ele obtinha a inspiração de escrever suas histórias”. Essas habilidades de apuração, segundo ela, são importantes para um jornalista. A professora salienta ainda que o fato de ele ser jornalista se refletia muito em seus livros “não só pelo jornalismo ser usado como tema, e por ele ter criado vários personagens jornalistas, mas também pelo modo de narração e de construção das suas histórias”. Carravetta dirigiu, em 1983, o espetáculo *O Teatro, A Literatura e a Montagem Audiovisual*, baseado no livro de memórias de Erico, *Solo de Clarineta*. O espetáculo foi ganhador de prêmio do Instituto Nacional de Artes Cênicas.

O desenho, desde a infância, era parte do processo criativo do jornalista-escritor. Em 1914, aos oito ou nove anos de idade ele lançou sua primeira “obra prática de jornalismo”, era uma revista de nome *A*

Caricatura que tivera um único exemplar, compreendido de duas folhas de papel almaço, onde haviam desenhos e umas pequenas notas. O projeto não foi adiante e, em meio a Primeira Grande Guerra Mundial, surgiu sua segunda publicação: *Íris*. Na capa figurava o retrato do então presidente norte-americano Woodrow Wilson.

O pequeno Erico, ainda durante os desenrolares da Primeira Guerra, teve seus primeiros contatos com o cinema. Os seriados daquele tempo ficaram marcados em sua memória. Um certo personagem chamado Fandor, que era repórter, lhe chamava atenção. Como o próprio jornalista-escritor relata em sua obra autobiográfica “na luta contra Fantomas, eu torcia pelo jornalista”. Erico, desde muito cedo, tinha a vocação para a escrita jornalística. Devido ao bom texto, já na adolescência, ingressou no jornal *O Pindorama* do Colégio Cruzeiro do Sul, onde permaneceu até o final de 1922.

Anos mais tarde, viria a primeira publicação em um jornal profissional. Foi no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, que o primeiro texto dele foi veiculado. Era um conto de nome *A Lâmpada Mágica*. Ser escritor sempre esteve nos planos de Erico. Podemos dizer que ser jornalista era parte do processo que o levaria até o ponto que conseguiria *Um Lugar Ao Sol* na literatura brasileira. Em dezembro de 1929, aos 24 anos de idade, ele decide partir de Cruz Alta. Em uma conversa com sua mãe, relatada no *Solo de Clarineta*, o jovem sonhador afirmava “Resolvi ir para Porto Alegre (...) Vou tentar ganhar a vida como escritor (...) Bom... sei que essa profissão ainda não existe no Brasil. Mas, que diabo! Não custa tentar. Não tenho a menor vocação para o comércio. Posso arranjar emprego num jornal, traduzir livros, colaborar em revistas.... Um dia, quem sabe...”.

Chegando na Capital, teve alguns de seus textos publicados por dois jornais de Porto Alegre: mais uma vez pelo *Correio do Povo* e também, agora, através do *Diário de Notícias*, onde, inclusive, editou uma página voltada ao público feminino. Ele conseguiu ainda, publicar nesse período um conto na *Revista do Globo*. Após algum tempo como colaborador desses

veículos, e após o envio de mais alguns textos para a Revista do Globo foi que Erico entrou em contato com o escritor Mansueto Bernardi. Através de Mansueto, Verissimo obteria seu primeiro emprego, de fato, na Capital e como jornalista, na Revista do Globo, em 1930.

A partir de então se delimitava a trabalhar intensamente na redação durante o dia, escrever e fazer traduções, para complementar a renda, durante a Noite e em seus horários e dias de folga. Devido a rotina sobrecarregada, e ao fato de ter muitas queixas de seu chefe José Bertaso, Erico quase abandonou o trabalho na revista. Porém, pelo intermédio do filho de seu chefe, Henrique Bertaso, foi que Erico pode publicar seu primeiro livro, *Fantoches*, em 1932. Com 1.500 exemplares impressos, logo no primeiro ano foram vendidos entre 400 e 500 números. Entretanto, um incêndio no armazém onde estavam os livros destruiu a maior parte da tiragem de *Fantoches*.

Apesar do azar, o ocorrido se tornou uma justificativa para que a Editora do Globo publicasse mais tarde o segundo livro dele, *Clarissa*, em 1933. Depois dos dois primeiros lançamentos, os próximos romances foram publicados com maior facilidade como, por exemplo, *A Vida de Joana d'Arc*, *Música ao Longe*, *Caminhos Cruzados* e *Um Lugar ao Sol*. Antônio Hohlfeldt, membro do conselho da ARI, lembra que quando Erico assumiu a direção da Revista do Globo, em 1932, ela deu uma guinada. “A revista se transforma em algo de caráter nacional, ela deixa de ser algo de caráter social, que publicava fotos de aniversários de 15 anos de moças, para se tornar uma publicação de referência”. Hohlfeldt complementa dizendo que a Revista do Globo era algo “provincial” e graças a Erico ela se transformou em algo bem mais moderno. Erico teria ainda fortalecido muito os laços entre a Editora do Globo e a revista. Hohlfeldt é autor de livros, artigos e já orientou diversos trabalhos acadêmicos a respeito de Erico Verissimo.

Apesar disso, a profissão como jornalista se tornava dúbia. E o sucesso como escritor ainda era incerto. Escrever livros ainda não lhe dava ganhos suficientes para abandonar o jornalismo, pois esta última era a

profissão que garantia o sustento. Mas em Contraponto, o jornalismo tomava a maior parte do tempo, dificultando a produção de novos livros. Isso sem esquecer que ele ainda fazia as traduções para complementar a renda.

Todas estas atividades tornavam o dia a dia desgastante. Erico conta, em *Solo de Clarineta*, um pouco sobre esse momento conturbado da vida: na Revista do Globo ele “tinha de fazer as vezes de diretor, redator, ilustrador, paginador e ocasionalmente escritor americano ou inglês, quando por injunções tipográficas não era compelido a ser também poeta oriental. Por mais empolgado que tivesse pelas personagens de minhas próprias ficções, era obrigado a fechá-las a sete chaves num quarto escuro no fundo do cérebro, e dedicar minha atenção a um tipo de trabalho fútil e não raro idiota, como o de ler e publicar sonetos miseráveis”, afirma o jornalista-escritor.

Quem poderia imaginar que a profissão de jornalista, naquele momento algo tão dúbio e incerto na vida dele, o levaria a chegar, em 1935, a membro fundador e primeiro presidente eleito da ARI. Cinco anos depois de sua chegada em Porto Alegre, no dia 23 de dezembro de 1935, com 88 votos, dentre 114 jornalistas votantes, estava eleito o primeiro presidente da Associação Rio-grandense de Imprensa. Os jornalistas que participavam da ARI naquele momento eram integrantes das redações de jornais de Porto Alegre, eram eles o Correio do Povo, Diário de Notícias, A Federação, Jornal da Manhã, Jornal da Noite, Revista do Globo, Neue Deutsche Zeitung e Deutsches Volksblatt.

No discurso da posse, Erico inflamava os jornais de todo o estado a se aliarem a ARI na luta pela liberdade de imprensa. Ademais, naquele ano havia lançado o livro *Caminhos Cruzados*. Pelo conteúdo da publicação, que questionava o contraste existente entre ricos e pobres, o jornalista-escritor havia sido acusado, pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), de ser comunista. À época também, ele assinou um manifesto que condenava o fascismo, o que contribuiu ainda mais para sua “má fama” frente ao órgão do governo.

Contudo, Erico aproveitou o discurso da posse e respondeu as acusações do DOPS: “Sou um homem que não tem nem nunca tive partido político. Acho que todos os partidos são bons desde que possam assegurar uma vida decente, razoavelmente confortável e cheia de ar puro e livre. Há uma convicção que ninguém varre da mente: a de que o ar não é prioridade de ninguém. Todos temos igual direito a respirá-lo de acordo com a capacidade de nossos pulmões”.

Entre as suas principais ações na gestão da ARI, esteve a luta contra a ditadura. Naquela época, na onda de prisões que se seguiu à Intentona Comunista, muitos jornalistas acabavam presos por ordem do governo, baseado na Lei de Segurança Nacional. Erico entrevistou muitas vezes conseguindo a libertação dos colegas de profissão e, quando não era possível, obtinha melhoras nas condições de carceragem deles. Ele trabalhava ainda, na assistência aos familiares dos presos políticos.

Outras negociações, do então presidente da ARI, passavam por conseguir liberação, junto ao governo, na alfândega, de papel importado para a impressão dos jornais ou ainda garantir desconto de 50% nas viagens de trem, para os jornalistas filiados à entidade. Antônio Hohlfeldt destaca que uma grande contribuição de Erico para as feições da ARI foi reunir “patrões e empregados, todas as pessoas que trabalhavam diretamente com a imprensa, não interessando se fosse o dono ou o trabalhador”. A ARI se constituiu então, como um espaço neutro, característica que se mantém, segundo Hohlfeldt, até hoje.

Em 1936, o presidente assumiu dois programas na Rádio Farroupilha: *Amigo Velho* e *O Clube dos 3 Porquinhos*. Mas em 1937 veio a censura do Estado Novo de Getúlio Vargas. Erico abandonou os programas no rádio em protesto aquela situação. A gestão dele durou até maio de 1937, ano em que passou a dirigir, também pela Editora do Globo, a revista *A Novela*. Já em 1938, o jornalista-escritor abandona definitivamente a Revista do Globo e se foca apenas na parte editorial.

Ayres Cerutti, jornalista e atual diretor da ARI afirma que “o sucesso retumbante do Erico como escritor, como romancista, eclipsou sua importância como jornalista”. Ayres conta que, certamente, o Erico escritor optou por não dar a devida importância ao Erico jornalista. Para Ayres, o ingresso e performance de Verissimo “na revista do Globo e, depois, na Editora são a prova de que ele era excepcional, fora de série”. O atual diretor da ARI salienta que muito do que Verissimo produziu permanece na sombra de pseudônimos. Ele também fala que o jornalista-escritor tinha versatilidade de produzir textos para “tapar buracos” nas páginas da Revista do Globo.

A sua Saga no jornalismo se encerrou em 1940 quando veio o sucesso literário. A partir dali inicia-se sua Viagem à Aurora do Mundo, ou melhor, à da literatura brasileira. Apesar de ser, predominantemente, lembrado como o grande escritor que foi, os feitos desse, também, grande jornalista nem O Tempo e o Vento conseguiram apagar. Ele é muito bem lembrado pelos artigos de opinião, porém seu fator mais importante certamente foi a liderança junto à classe.

Atribuído a isso, os jornalistas sempre estiveram presentes em suas narrativas, tendo como maior destaque o livro *Incidente em Antares*, escrito em 1971. O mais famoso filho de Cruz Alta, nasceu em 17 de dezembro de 1905 e faleceu em 28 de novembro de 1975. 70 anos que marcaram para sempre a história do jornalismo gaúcho e da literatura brasileira. É fato que o jornalista construiu as bases para O Continente de ideias do escritor, O Resto é Silêncio.

Mailsom Portalete